

Lindamir Salet Casagrande
E-mail: lindasc2002@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Editorial

A revista Caderno de Gênero e Tecnologia (CGT) está em festa! Completamos 15 anos de existência. No ano de 2004, em uma das reuniões do Núcleo de Gênero e Tecnologia (GeTec) a professora Marília Gomes de Carvalho compartilhou com o grupo uma inquietação. Diversas/os participantes do GeTec participavam de congressos e seminários científicos apresentando seus trabalhos e as/os demais não sabiam o que as/os colegas estavam pesquisando, não conheciam os trabalhos que eram desenvolvidos pelas/os colegas, não tinham acesso aos artigos por elas/eles publicados. Naquela época a internet não era tão popular. Esta falta de acesso às produções das/os participantes do GeTec incomodava a professora Marília.

Diante do exposto, surgiu a ideia de que seria interessante se produzíssemos um documento impresso para circulação interna contendo 2 ou 3 artigos em cada número, para tornar a produção do grupo mais visível. Juliana Schwartz e eu ficamos encarregadas de levar adiante esta tarefa e foi o que fizemos. Quando finalizamos o primeiro número, com o nome de *Cadernos de Artigos sobre Gênero e Tecnologia* ficamos nos questionando se o trabalho valia a pena, pois, como não tinha ISSN, a publicação não contava pontos em avaliações e então sugerimos que transformássemos aquela publicação em uma revista que fosse aceita e reconhecida como tal. Recebemos algumas críticas negativas, mas, isso não nos desmotivou uma vez que as manifestações de apoio e incentivo foram mais intensas e nos apoiamos nelas para continuar. Fomos em busca do caminho para criar uma revista, um ato de ousadia para duas estudantes de mestrado e no ano seguinte, 2005, a primeira edição dos Cadernos de Gênero e Tecnologia ganhava forma e era publicada. Recebemos apoio do Coordenador do PPGTE na época, professor Gilson Leandro Queluz e do chefe da editora do CEFET-PR professor Yasuhiko Shimizu que não nos deixaram esmorecer diante das dificuldades.

Durante estes 15 anos de existência enfrentamos algumas dificuldades para manter a periodicidade. A principal delas foi a falta de pessoal para fazer a diagramação e de verba para a impressão. A revista não publicou nenhuma edição nos anos 2010, 2012 e 2015. Esta falta de continuidade e o fato da revista ser publicada na forma impressa, fato que dificultava a circulação e visibilidade dos artigos nela publicados, resultava na pouca submissão de artigos, na pouca citação por pesquisadoras/es das diversas universidades brasileiras e internacionais e se refletia na baixa avaliação da revista no sistema Qualis.

Os anos de 2016 e 2017 foram destinados a uma mudança significativa na estrutura dos CGT. Nesta reestruturação mudou-se a periodicidade de trimestral para semestral, a publicação passou a ser *online* e toda a sua história foi digitalizada estando todas as edições disponíveis *online* no endereço <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Finalizamos o ano de 2018 com a revista em

dia. Os 2 números referentes aquele ano já estavam *online* no final de dezembro de 2018.

Ainda em 2018 publicamos 3 chamadas de artigos para números temáticos sendo eles “*Educação, Gênero, Sexualidade e Diversidade*”, “*Gênero, Raça e Feminismo Negro*” e “*História das Mulheres*” que tiveram excelente aceitação e receberam muitos artigos de pesquisadoras/es de todo o território nacional. Essa avalanche de artigos submetidos aos CGT demonstra que a temática de gênero está sendo amplamente pesquisada e discutida nos espaços acadêmicos, o que nos deixa feliz. Também evidencia que os CGT se tornaram uma ótima opção de publicação e que contribui significativamente para a divulgação científica em nosso país. Outra chamada publicada no mesmo ano foi a chamada universal de artigos que tem fluxo contínuo e permanece aberta.

No período compreendido entre os anos de 2005 e 2019 (15 anos) foram publicados 137 artigos resultados de pesquisas nacionais e internacionais, totalizando 204 autoras/es diferentes sendo a maioria mulheres. Somente no ano de 2019 foram publicados 37 artigos de diversas instituições espalhadas por todo o território brasileiro. Também foram publicadas 15 entrevistas com mulheres que desenvolvem trabalho relevante na área de gênero interseccionado com educação, ciência, tecnologia, raça e sexualidade. Estas entrevistas permitiram que conhecêssemos estas mulheres, suas trajetórias, lutas e conquistas. Muitas outras virão e todas/os vocês, nossas/os leitoras/es, podem contribuir com o envio de entrevistas para publicação ou com a sugestão de mulheres que gostariam de ver uma entrevista publicada no CGT.

Em sua primeira edição, os CGT contaram com 2 artigos que foram escritos por quatro autoras e um autor. Na mais recente, o número 40, foram publicados 18 artigos com 33 autoras e 7 autores, duas entrevistas e uma resenha. Comparando estes dois números da revista podemos perceber que a abrangência da revista cresceu significativamente, de modo especial no ano de 2019 quando saímos de 5 artigos publicados no número 38 para 18 artigos compondo o número 39. Podemos concluir que a publicação passou a ser um espaço importante para dar visibilidade ao pensamento e a produção nacional na área e que tem despertado interesse em mulheres para ocupar este espaço. Mulheres assinaram artigos dos CGT 215 vezes enquanto os homens o fizeram 53 vezes. Sabemos que a maioria das pessoas que pesquisam na área de gênero são mulheres e os dados dos CGT comprovam isso. É importante salientar que nesta trajetória de 15 anos dos CGT todas as editoras foram mulheres.

A trajetória dos CGT até aqui recebeu o reconhecimento da Capes, que em sua classificação Qualis divulgada em 2019, recebeu a avaliação A4. Na avaliação anterior a classificação era B5, ou seja, o salto de qualidade atestado pelo sistema Qualis/Capes foi gigante e tende a melhorar ainda mais considerando a quantidade e a qualidade dos artigos que são submetidos a esta publicação. Ou seja, o sucesso da revista depende de nossas/os colaboradoras/es, quer como autoras/as, avaliadoras/es, editoras/es e equipe de apoio a quem somos gratas, bem como, de nossas/os leitoras/es que, ao citar os textos aqui publicados contribuem para o crescimento da revista.

A revista CGT recebe a chancela da *Red Iberoamericana de Ciencia, Tecnologia y Género* (RICTyG), bem como da *Rede Brasileira de Ciência, Tecnologia e Gênero* que a assumiram como sua publicação oficial. Também é reconhecido pela

professora Luzinete Simões Minella, em entrevista publicada neste número dos CGT, como um dos principais veículos para divulgação das produções sobre gênero e ciência no Brasil.

Nestes tempos sombrios em que a ala conservadora da sociedade, da política e da religião tem atacado violentamente os direitos das mulheres, da população negra e LGBT+, bem como, a liberdade de expressão e de culto religioso deixaram de ser considerados direitos inerentes aos seres humanos, é fundamental que encontremos formas de resistência e de apoio para que não sejamos subjugadas/os e violentadas/os em nossos corpos e mentes. Assim, fortalecer espaços como os CGT é imprescindível.

Vemos, em nossa sociedade, um ataque aos direitos conquistados com muita luta pelos movimentos sociais se manifestar por meio das mídias, de discursos religiosos e políticos. No domingo, dia 22 de setembro de 2019, vimos duas manifestações de desrespeito às mulheres e às meninas irem ao ar no mesmo canal de televisão, o SBT. Sob o pretexto de entretenimento, um dos programas dominicais levou ao ar um quadro no qual mulheres deveriam demonstrar suas habilidades em passar uma camisa masculina para conquistar um suposto namorado e em outro, meninas de menos de 12 anos foram expostas vestindo maiô para que fosse avaliado qual delas tinha o corpo mais bonito. Nestes dois episódios vemos a objetificação da mulher. No primeiro ela deve estar preparada para cuidar do marido, caso contrário não encontrará um namorado. No segundo, o corpo (ainda em formação) das meninas, é julgado como objeto tendo que se adequar a um padrão que agrada ao público masculino. Lembramos que o Estatuto da Criança e do Adolescente continua vigente no país e foi desrespeitado por este apresentador que tem se declarado apoiador do governo misógino que existe no Brasil na atualidade.

Neste mesmo final de semana o bispo da Igreja Universal afirmou que mulheres não devem fazer faculdade pois se elas tiverem mais estudo do que os homens assumirão a “cabeça do casal”, o que para ele é inaceitável. Lembramos que as mulheres só conquistaram o direito a frequentar as universidades no final do século XIX. Delcele Mascarenhas Queiroz (s.d, *online*) afirma que “O pioneirismo do acesso feminino à universidade cabe a uma médica, formada pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1887”, porém, o acesso mais intenso se deu nos anos 1970 (VENTURINI, 2017), ou seja, é uma trajetória recente. Ouvir, em pleno século XXI, de um líder religioso, formador de opinião (infelizmente), que as mulheres não devem fazer faculdade é assustador. Por outro lado, ao analisar o argumento dele para que elas não se dediquem aos estudos pode-se perceber que, na concepção dele, o estudo torna as mulheres donas de suas vidas, capazes de tomar as decisões sobre si e pode torná-las insubmissas. Este argumento evidencia que ele teme mulheres com formação universitária.

Estes acontecimentos ocorridos no mesmo final de semana evidenciam o quão importante é o debate sobre as questões de gênero, feminismo, racismos, misoginia, lgbtobia na atualidade uma vez que representam uma ameaça aos direitos humanos das mulheres.

Os estudos de gênero vêm sendo desenvolvidos em muitas universidades brasileiras e tem se mostrado como um foco de resistência aos ataques conservadores a todo tipo de direito arduamente conquistados pelos movimentos sociais. Um exemplo da diversidade de pessoas que se lançam a estudar gênero e

dos espaços acadêmicos nos quais estes estudos são desenvolvidos pode ser obtido ao analisar as/os autoras/es dos artigos que compõe as edições dos Cadernos de Gênero e Tecnologia (CGT).

É neste cenário e após relembrar a trajetória dos CGT desde sua criação até o momento, que chegamos ao número 41 dos CGT que está sendo publicado neste ano festivo. Nele publicamos duas entrevistas, a primeira com Luzinete Simões Minella, uma das pioneiras nos estudos no campo de gênero, ciência e tecnologia no Brasil e a outra com Sonia Guimarães, primeira mulher negra a ingressar como docente de física no ITA. Esta edição é composta ainda por 18 artigos originais com temáticas diversas oriundos de estudos realizados em universidades espalhadas pelo Brasil.

Esperamos que as histórias e os estudos aqui apresentados sejam fonte de inspiração e apoio para que as pessoas que estão inseridas na pesquisa na temática de gênero e feminismos persistam em suas trajetórias acadêmica. Desejamos a todas e todos uma boa leitura e reflexões inspiradoras.

Referências

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. **Mulheres no ensino superior no Brasil**. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/0301t.PDF>. Acesso em: 25/09/2019.

VENTURINI, Anna Carolina. A presença das mulheres nas universidades brasileiras: um panorama de desigualdade. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. In: **Anais...**, Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500230828_ARQUIVO_AnnaCarolinaVenturini_Texto_completo_MM_FG.pdf. Acesso em: 25/09/2019.

Recebido: 25 set. 2019.

Aprovado: 25 set. 2019.

DOI: 10.3895/cgt.v12n39.10815

Como citar:

CASAGRANDE, Lindamir Salete. Editorial. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v.13, n. 41, p. 1-4, jan./jun. 2020.

Correspondência: Av. Sete de Setembro, 3165, 80230-901, Curitiba, Paraná, Brasil.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

